

## VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA

### D. DOMINGOS DO LORETO COUTO (c1696-c1762)

“A historiografia pernambucana da época colonial é valiosa na sua contribuição factual e na expressão de seus nomes, como o de Domingos do Loreto Couto”. Assim abre José Honório Rodrigues o capítulo sexto da primeira parte de sua **História da História do Brasil**. Dedicou ao nosso autor quase cinco páginas de seu livro, às vezes com reparos bem severos, para concluir que a obra do beneditino pernambucano “é indispensável ao conhecimento do Nordeste até o século XVIII”. E nos oferece uma apreciação de cada um dos “livros” da obra, permitindo-nos, assim, ter dela uma visão de conjunto muito bem delineada.<sup>1</sup>

Alguns dados a respeito de sua vida são um tanto obscuros. Sabe-se que nasceu no Recife “por volta de 1696”, na informação de José Antônio Gonsalves de Mello. Era filho de João Álvares do Couto “minhoto das proximidades de Braga”, e de Laura Soares Gondim, olindense, “de cujo lado vem o seu parentesco com Sebastião da Rocha Pita, o historiador baiano, seu primo”, ainda na informação do autor pernambucano, a quem se deve recente reedição da obra de Loreto Couto.

A devoção familiar a São Francisco levou-o a ingressar na Ordem Franciscana, no Convento do Recife. Professou em Lisboa, em 1725, onde permaneceu vários anos “com uma vida nada religiosa e ficando conhecido por suas extravagâncias”, ainda no dizer de Gonsalves de Mello. Pelos seus atos “nada religiosos” esteve preso diversas vezes e, ao que tudo indica, só mais para o fim da vida foi que se regenerou, após ter obtido, inclusive, transferência para a Ordem dos Beneditinos. Foi Visitador-Geral do Bispado de Pernambuco e integrou, como sócio supranumerário, a Academia Brasileira dos Renascidos”.<sup>2</sup>

(1) Rodrigues, José Honório - **História da História do Brasil**, 1ª parte, **Historiografia colonial**. São Paulo, Editora Nacional, 1979, O Capítulo sobre Loreto Couto ocupa as páginas 231 a 235.

(2) Mello, José Antônio Gonsalves de - **O recifense Loreto Couto e seu livro**, posfácio à reedição dos **Desagravos do Brasil**, Recife, Fundação de Cultura, 1981.

Não chegou a ver publicada a obra pela qual fez jús à posteridade, **Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco**, dedicada a D. José I, por intermédio do Marquês de Pombal. Diz, no prólogo, que a escreveu “levado da justa mágoa de ver o grande descuido, que teve Pernambuco em perpetuar as virtudes de seus filhos, que com elas o ilustraram, e que insensivelmente ia o tempo consumindo a notícia de tão esclarecidos heróis, por faltar quem se resolvesse a escrevê-las”. E ainda “refutar alguns erros, e calúnias, com que alguns dos nossos autores, que têm escrito do Brasil, mancharam a opinião dos nossos índios, e de algumas pessoas beneméritas, sem mais fundamento que o de umas tradições tão suspeitosas, como mal nascidas e falsas”. Não bastasse, e ainda pretendeu mais: “mostrar ao mundo que em Pernambuco tem Vossa Majestade vassalos de espíritos tão animados, que não contentes com a glória herdada de seus maiores, souberam com a espada subjugar o furor dos inimigos, desterrar com a sua doutrina as trevas da gentilidade e assombrar com a sua constância a crueldade dos tiranos”. E remata suas justificativas: “Posso afirmar que nesta obra pus todo o cuidado para que saísse a mais apurada e é a primeira que temos de Pernambuco, individual e abundante”.

Daí, pôr mãos à obra para compor um vasto painel da história de Pernambuco, oferecendo uma visão bastante completa da vida social, econômica e política da terra pernambucana, desde a conquista e a colonização até a restauração após as guerras com os holandeses. Aliás, o próprio autor fazia questão de declarar haver posto em sua obra “todo o cuidado para que saísse a mais apurada”, sendo, na realidade, a primeira a se escrever sobre Pernambuco “individual e abundante”.

Com todas as suas justificativas e todo seu empenho, não teve o autor o prazer de ver publicada a sua obra. Concluída em 1757, permaneceu inédita por quase 150 anos. De fato, foi só em princípios deste século (1904) que, graças a Manuel Cícero Peregrino da Silva, então diretor da Biblioteca Nacional, mediante cópia obtida do original existente na Biblioteca Nacional de Lisboa, veio a obra a lume, integrando os volumes 24 e 25, dos “Anais” da grande biblioteca da antiga Capital Federal.

Passados quase oitenta anos de sua primeira publicação, tornou-se raridade bibliográfica, conhecida apenas de alguns bibliófilos e poucos pesquisadores. Donde, a feliz iniciativa da Fundação de Cultura da Cidade do Recife em reeditar o precioso texto, incluindo-o na coleção “Recife”, na qual já figuravam numerosos títulos de grande interesse para a história de Pernambuco, particularmente do Recife. Trata-se de uma reedição fac-similar da de 1904, acrescida de um estudo de José Antônio Gonsalves de Mello (colocado ao fim do volume) e de um índice onomástico facilitando a

consulta das 562 páginas do volume. Veio, assim, esta iniciativa da Fundação de Cultura da Cidade do Recife “retirar do esquecimento a obra de Loreto Couto, tão importante para os estudos da História Pátria, na sua ótica mais pernambucana e mais ligada aos casos menores quase sempre desconhecidos daqueles que se dedicam ao estudo do nosso passado”, segundo a acertada ponderação de Leonardo Dantas Silva, então diretor-executivo da Fundação.

Transcrevemos de José Honório Rodrigues em sua obra já citada, a notícia dos oito “livros” dos **Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco**: o primeiro, “Pernambuco conquistado”, trata do descobrimento, da conquista e dos índios, a língua, o cativo e a cor vermelha; o segundo, “Pernambuco vencido e gloriosamente restaurado”, trata da invasão holandesa e de sua restauração, contendo ainda o capítulo XIII, que não consta do índice, e que trata da memória dos donatários e governadores de Pernambuco desde a conquista portuguesa até o domínio holandês; o terceiro, “Pernambuco renascido”, descreve suas cidades, vilas, lugares, engenhos e os estados eclesiástico, militar e político; o livro quarto, “Pernambuco ilustrado com virtudes”, cuida dos sacrifícios e martírios sofridos durante o domínio holandês, e dos jesuítas, beneditinos, franciscanos, carmelitas e oratorianos; o quinto, “Pernambuco ilustrado com as letras”, é dedicado à literatura e bibliografia; o sexto, “Pernambuco ilustrado pelas armas”, trata dos militares que serviam em Pernambuco e fora dele e dos índios e pretos que lutaram pela capitania; o sétimo, “Pernambuco ilustrado pelo sexo feminino” relembra as mulheres que se destacaram na capitania; e oitavo, “Pernambuco constante, valeroso e fiel nas calamidades”, é precioso pela notícia que dá das epidemias, das pestes, das perturbações, das guerras civis, como a de Palmares e a dos Camarões (Mascates).

Tudo isso, constituindo “discursos brasílicos, geográficos, dogmáticos, bélicos, apologéticos, morais e históricos”, para usar a própria definição do autor.

Para José Aderaldo Castello, as justificativas de Loreto Couto “definem com exatidão o espírito da obra, misto de crônica histórica, de casos exemplares e, portanto, de prosa moralista, de panegíricos e dados bibliográficos, repassados de certo valor crítico. Os títulos das partes ou livros de que ela se compõe são igualmente significativos e definidores de seu propósito”. Lembrando que Capistrano de Abreu, ao tratar de Loreto Couto em seus **Capítulos de história colonial**, ressaltou sobretudo a defesa que o autor pernambucano fez do nosso elemento indígena, escreveu Castello:

“Trata-se, de fato, da dignificação do homem americano, da defesa contra os ataques e o menosprezo que lhe foi votado pela maioria dos cronistas que se ocuparam dele, mas uma defesa que despreza qualquer

argumento ou fundamentação etnográfica, para dar relevo à natureza e à condição humana do elemento indígena. Através de casos exemplares, em diversas situações ou conjunturas, o índio é comparado em virtudes, em inteligência, em capacidade criadora, com o europeu ou com o elemento civilizado colonizador. Talvez seja este o primeiro aspecto da obra de Loreto Couto que se impõe no estudo da evolução de duas tendências fundamentais da literatura brasileira: o sentimento nativista e o indianismo. Neste último caso, somos levados a admiti-la mesmo como precursora do indianismo romântico, alguma coisa que poderia ser considerada como a antevisão da ‘bondade’, ou melhor, das qualidades do selvagem americano, evidenciada nos seus contactos e no confronto com o homem civilizado. E é bem provável que José de Alencar tenha conhecido o manuscrito de Loreto Couto”.

Outro aspecto que chamou a atenção de J. Aderaldo Castello: "a contribuição definidamente crítica da obra, de real interesse para a nossa história cultural. É, nestas condições, fonte importante para o estudioso de certas manifestações artísticas do Brasil-Colônia, como a música, a pintura, para o estudioso do ensino ou instrução pública e particular, e sobretudo para o historiador de nossas manifestações literárias nos três séculos coloniais. Neste último sentido, destaca-se o Livro Quinto, ‘Pernambuco ilustrado com as letras’. É certo que merece muitos reparos e correções nos dados bibliográficos que nos apresenta, mas em compensação nos leva a uma idéia razoavelmente ampla e segura de nossa vida literária, do século XVI ao XVIII, notadamente em Pernambuco. O autor não fica só na informação erudita, nos dados bibliográficos, em referências a representações teatrais, de qualquer forma passo inicial para a elaboração de nossa história literária. Frequentemente emite juízos críticos, ainda que encomiásticos, e naturalmente duvidosos. Mas não deixa de ser um julgamento crítico, que exemplifica o seu exercício na atividade literária da época”.<sup>3</sup>

Diversos historiadores da literatura brasileira ocuparam-se de Loreto Couto e de seu livro. Artur Mota confessa que nenhum dos livros que leu, de autores antigos, sobre Pernambuco, “foi gisado com maior amplitude de vistas” do que os **Desagravos do Brasil**. E Wilson Martins dedica ao autor pernambucano diversas páginas de sua conhecida obra, e ao apreciar as características dos **Desagravos** aponta como “novidade para a época e inesperado em tal autor”, os capítulos consagrados às mulheres famosas que haviam também concorrido para as glórias de Pernambuco.<sup>4</sup>

(3) Castello, José Aderaldo - *Manifestações literárias da era colonial*, 121-123. 3ª edição. São Paulo, Cultrix, 1967.

(4) Mota, Artur - *História da literatura brasileira*, segundo volume, 66. São Paulo, Editora Nacional, 1930 - Martins, Wilson - *História da inteligência brasileira*, vol. I, 401-403. São Paulo, Cultrix/Edusp, 1976.